

Organizadores

Lucas Súllivam Marques Leite, Luan Alves Gondim e Karlla Christine Araújo Souza

Poetry Slam em Mossoró/RN

Poesias e Traços Biográficos de Jovens Slammers



Ìgbín





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern - Eduern

Emanuela Carla Medeiros de Queiros



Conselho Editorial da Edições Uern

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Poetry Slam em Mossoró/RN: poesias e traços biográficos de jovens slammers [recurso eletrônico]. /

Lucas Súllyvam Marques Leite, Luan Alves Gondim, Karlla Christine Araújo Souza (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2023.

51 p.

ISBN: 978-85-7621-436-6 (E-book).

UERN/BC

811 CDD

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Sumário

<i>PREFÁCIO</i>	03
<i>Profa. Dra. Karlla Christine Araújo Souza – PPGCISH/UERN</i>	
<i>Jovens Slammers</i>	
<i>Ana Júlia</i>	06
<i>Barroco</i>	09
<i>Cabocla de Jurema</i>	13
<i>Cumpadi Caboco</i>	16
<i>Carla Cecília</i>	19
<i>Comedor De Camarão</i>	22
<i>Douglas Soares</i>	24
<i>Larissa Galvão</i>	28
<i>Pepeu Savant</i>	32
<i>Prisma</i>	35
<i>Rafael Araújo</i>	38
<i>Scape</i>	40
<i>Vitto Poeta</i>	42
<i>Yane Oliveira</i>	46
<i>POSFÁCIO</i>	49
<i>Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar – POSEDUC/UERN</i>	

PREFÁCIO

Profa. Dra. Karlla Christine Araújo Souza – PPGCISH/UERN

No começo parecia ser apenas uma palavra nova, um estrangeirismo ou uma sigla desconhecida. Éramos um grupo de jovens e eu, professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sentados ali na área de lazer do prédio de Carlos Guerra, que vindo de Portugal trazia a novidade. Além dele, ninguém sabia ao certo como aquela ideia funcionava, o que poderíamos fazer com aquela palavra na cabeça?

Aos poucos fomos familiarizando-nos com o som, a batida, a ideia... Ou melhor, fomos percebendo que os talentos que tínhamos na cidade de Mossoró-RN poderiam dar uma cor local e original para uma batida que vinha de outro lugar.

Não custou e aprendemos que a expressão SLAM vem do inglês e tem algumas traduções não literais, sentidos que vêm da prática, do fazer. O termo surgiu em Chicago na década de 1980 e foi ganhando contornos em todo o mundo. Muitos dizem que SLAM significa batida de poesia, ou ritmo e poesia. Porém, tradução e forma não nos foram suficientes para explicar o que é o SLAM, nós queríamos mais, queríamos nos perceber através daquela palavra.

Aqui em Mossoró, já existia a Batalha das Chaves, batalhas de Rap, Street Dance, o coletivo Moscow, bem como o repente da viola e a poesia de Antônio Francisco. Sim, é verdade, existiam poucas mulheres nos movimentos e poucas vozes de mulheres reconhecidas na poesia. Mas existiam potências que precisavam mostrar seus rostos à cidade e, assim, fomos nos unindo em diversidade ao Slam Mossoró que começou a ganhar corpo e movimento enquanto uma *performance* na cidade.

Desde então, os campeonatos locais começaram a acontecer nas ruas, no cafezal, no memorial (centro turístico importante da cidade de Mossoró-RN), local onde os moradores de rua trafegam com turistas e caminhantes e onde a cultura juvenil procurava lugar. Ali a céu aberto e no centro da cidade, deixamos uma mensagem. Da garganta daqueles jovens foi saindo o grito rouco que estava preso. As questões pulsantes das desigualdades sociais, da discriminação racial, sexismo, política, educação, cotidiano das periferias e da juventude preta, foram ecoando no centro da cidade, vindas de cada bairro, de cada experiência vivida, saídas das batalhas da vida real para os palcos da voz.

Neste livro, o leitor poderá conhecer a feição desses artistas de rua, da performance, da rima, da denúncia, da resistência e reexistência pela palavra. Elas e eles deram vida a este

projeto e por meio de seus corpos o SLAM se tornou muito mais que poemas num pedaço de papel. Fascinante é perceber que cada um dos artistas aqui retratados são atrizes e atores de seu próprio ato, ao mesmo tempo em que poetas, são produtores. Para além da competitividade que a alguns feriu e fere, havia também senso de libertação coletiva e autodeterminação, e todos os competidores, já desde a primeira disputa, estavam ligados ao movimento de maneira coparticipativa.

É muito difícil traduzir para a palavra escrita o jogo da interatividade e da performance do artista no momento de sua fala. Naqueles três minutos de poesia saltam o som, a voz, a cadência, as pausas, as palmas, a reação do público, os gestos, as feições e interjeições que fogem ao registro na linha parada do papel. No SLAM, o recurso visual é o corpo e o instrumento musical é a voz. Por isso, dos poemas que aqui se seguem, muito se perdeu. Há um registro, porém não cabe nele o que vivemos na copresença do ouvido e da voz, de uma pessoa que fala para outra que escuta. Mas apesar da perda, o que este livro oferece é o melhor que fica do nosso apelo e da nossa voz.

Portanto, este livro trata de uma memória, de uma breve história, mas, sobretudo, de vida e poesia, em que mais importante que as regras próprias do SLAM, queremos mostrar a cara e o valor de quem o faz.

Vemos então as mulheres aqui biografadas, na esteira de Audre Lorde, bell hooks, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Grada Kilomba e tantas outras, elas inventam uma estética de(s)colonial. Ana Júlia, Cabocla de Jurema, Carla Cecília, Larissa Galvão e Yane Oliveira deixam cair às máscaras de aprisionamento e usam a boca para enunciar um verbo de independência, elas não são vítimas compassivas e apesar dos mecanismos de controle opressivos, desenvolvem uma atitude em relação a essa realidade externa de opressão às mulheres e às mulheres negras. Segue o destaque de versos de Larissa Galvão, que aqui representam também os versos das demais poetas:

...
*Sei muito bem onde eu quero chegar,
Então dá licença que eu quero passar.*

...
*Meu cabelo é curto e não vai ser a sua escada,
Seu cavalo branco não desce aqui na minha quebrada*

Barroco, Cumpadi Caboco, Comedor de Camarão, Douglas Soares, Pepeu Savant, Prisma, Rafael Araújo, Scape e Vitto Poeta recusam a reconhecerem a si próprios como sujeitos colonizados, eles poetam para denunciar as estruturas violentas de exclusão racial e social. Nos

seus versos clamam a luta por direitos: direitos humanos, direitos à educação, direito à cultura, direito à cidade, direitos raciais, direito à dignidade humana como forma de lutar para quebrar as correntes dos mecanismos repressores do colonialismo e o capitalismo. Segue o destaque de versos de Pepeu Savant, que aqui representam também os versos dos demais poetas:

(...) querem julgar sem nunca ter passado perto, da fome, do medo, do preconceito por ter nascido sem dinheiro, segregação social, onde produzir melanina é um defeito, não, eu não aceito, sem correntes nas mãos, mas pro sistema o lema ainda é escravidão

O Slam Mossoró surgiu no dia 20 de dezembro de 2017 e desde seu início as competições sempre foram acompanhadas de debates políticos e educacionais. Os slammers da cidade estiveram presentes nas três universidades públicas do estado UFERSA, UERN e UFRN, bem como em várias escolas do ensino público e privado da cidade. Com isso, os slammers têm buscado mostrar que a conexão com a arte torna a educação mais democrática, inclusiva e interativa, fazendo com que os alunos consigam ter melhor consciência social e exerçam sua cidadania cultural. Iniciativas como essas tornam-se ainda mais importantes em tempos de ameaça à educação pública de qualidade.

Dentro do conceito de agregar arte e educação, os integrantes do coletivo Slam Mossoró ampliaram os objetivos de suas ações e conseguiram divulgar este movimento junto aos meios escolar e acadêmico para que houvesse essa ecologia dos saberes entre a arte, educação e cultura, fazendo com que a poesia falada contribua para o debate teórico e a formação social e humana. Por esta razão, o coletivo se tornou o Grupo Cultural e Educativo Slam Mossoró.

Foi também das cabeças desses jovens que o Slam Poetry se espalhou para o estado. No ano de 2018 a cidade enviou como finalista para o campeonato nacional em São Paulo o jovem Lucas Rafael. Como perceberão neste livro, estes jovens passaram a competir nos campeonatos locais e estaduais, ampliando a rede de slammers no Rio Grande do Norte. Além de competir, muitos foram finalistas, outros se tornaram os próprios organizadores, mestres de cerimônia e divulgadores. Além da voz, elas e eles começaram a usar as próprias mãos no dedicado trabalho de espalhar poesia com ideais.

Conheçam e encantem-se!



Ana Júlia

Jovem escritora feminista. Natural de Mossoró, sertão potiguar, onde cursa Ciências Biológicas pela UERN. Artista de rua, atuando como poeta no grupo cultural Slam Mossoró. Em 2017, foi à única mulher a participar da 1ª edição do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró. Descobriu e desenvolveu o dom da escrita sozinha e a usa como ferramenta na luta contra o sistema opressor. Ativa em projetos de ONGs que ajudam pessoas e animais em situação de rua.

RESISTÊNCIA

Ana Júlia

Era uma vez, em Salém
Mulheres tão inteligentes
Que foram demonizadas
Bruxa, feiticeira, tudo o que não prestava
Ameaçavam a masculinidade, uma coisinha tão frágil
Por essa afronta, foram para a fogueira e queimaram

O governo pediu desculpas 250 anos depois
Eu me pergunto quantos anos vai levar
Para pedirem perdão
A Maria Vera, Dandara e Marielle

Eliza Samúdio, morta, esquartejada
Aos cachorros, entregará
Tatiane, de um prédio, arremessada
Foda-se
São apenas estatísticas

Parem de nos matar
Nós não vamos parar de lutar
Se fere minha existência
Eu sou resistência

Cada voz feminina que se cala
Faz mil outras gritarem
Deixa eu te contar uma nova
Você está cavando sua própria cova

Descendo de Joana D'arc, Frida Khalo e vovó Severina
Eu não vou para a pia
Não tente passar a mão
Porque você vai estar sem ela no outro dia

Mal comida? É verdade
Só que você deveria começar a falar

Que foi você
Quem não conseguiu fazer ela gozar

Mas, eu acho muito engraçado

Você, mulher
As feministas criticar
Saiba que muitas morreram, para esse direito te dar

Você realmente achou que ia levantar a mão para nós?
Vamos lutar de forma mais barulhenta que nossas avós

Um pensamento contra mim e você vai se arrepender
Uma ameaça e você vai ver o que posso fazer
Quero ver você ter coragem de levantar a mão pra mim

Querem me calar
Me amordaçar
Disseram que eu devia ficar em casa e aceitar
Mas, o mestre Rafael me inspira a lutar

Querem, na fogueira, me jogar
Mas, eles não sabem que eu sou neta
Da bruxa que não conseguiram queimar

Estatísticas mostram
Que a cada minuto que passa
O número de mulheres empoderadas aumenta

Estamos prontas para nos rebelar
E a fogueira já está acesa
Mas, é você, homofóbico, racista, machista
Que, dessa vez, vai queimar



Barroco

Jovem Lucas Rafael Batista Silva, conhecido como o Artista Barroco das Barrocas, bairro periférico de Mossoró, sertão Potiguar de onde é natural. Estudante de Letras/Português pela UERN. Barroco é Artista de Rua, atuando com poesia, rap e slam. É fundador do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró e integrante do coletivo de hip hop Oito4, que contempla MCs, Djs e poetas. Iniciou sua participação nos movimentos culturais de rua em 2016, através das rodas de rimas entre Mcs, na Batalha da Chave, no qual começou como espectador e logo em seguida se tornou um dos organizadores. Devido à proximidade com os MCs que logo viraram amigos, sua vontade de escrever textos aflorou. Em 2017 escreveu seu primeiro poema, que gerou uma boa repercussão, sendo convidado para participar de seminários, palestras e eventos culturais. Em 2018 teve destaque como 1º campeão do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, ganhando assim a oportunidade de representar o Rio Grande do Norte, pela primeira vez, em São Paulo no Slam BR.

AÊ MENOR...

Barroco

“Aê menor, tá me ouvindo? Então ouça os conselhos dos teus pais, estude, pois a cada desistência você vai ter que correr 10x mais.

Menor entenda, nesse tabuleiro da vida, somos direcionados a uma inaceitável condição, enquanto filho de rico estuda para tornar-se rei/patrão, pobre continua predestinado a ser peão.

Peão, dessa maldita trajetória social,
Onde nascemos, crescemos, morremos e tudo continua como se fosse normal.

Vamos nos esforçar, pra tentar garantir um bom futuro, a fórmula mágica pra isso: O estudo!

Vai, fecha um pouco esse Facebook, abre e põe os livros na cara, vai ler sobre história, política e cultura, ao invés de ler imagens que não acrescentam em nada.

Mas difícil haver mudança num país,
onde os livros que nos oferecem são os de caça-palavras e os de colorir.

Tem gente que até lê, mas só lê romance e fica assustada com a violência a cada bang-bang, enquanto vocês leem 50 tons de cinza, as periferias veem 50 tons de sangue.

Mano, no fundo, no fundo, somos todos terroristas carregando a bomba Na+, e quando acionada, não poluirão nossa mente mais.

Os responsáveis pelo acionamento são os extremistas literários: Vaz, Ferréz, Inquérito, GOG, Poeta John e Eduardo.

Por aqui, sigo na “batalha” em busca da “chave” que abra o baú do tesouro, onde a recompensa é a informação pra que eu não seja mais um boi guiado ao matadouro.

Assim, farei jus às palavras do Cascão, almejo entrar na faculdade e só sair de lá doutor, depois vou olhar pros playboy do Marista e falar:

“Aí seus cuzão, o pobre véi lascado que vocês subestimou, hoje é formado em letras e atende por professor!”.

E quando eu receber o meu diploma e ouvir: “Pronto meu filho, você tá pronto pra lecionar.”, com muito orgulho eu entrarei na sala e direi: “Bom dia turma! Meu nome é Lucas e tô aqui pra lhes ensinar!”.

Ainda vivemos os tempos das chibatadas

Barroco

“ - 1888, o ano da nossa vitória!
A escravidão foi abolida, agora mudaremos nossa história!”

Mas não... Não foi como nós pensou,
deram um jeito do homem continuar com seu modo dominador.

Nos deram uma falsa libertação e planejaram tudo com cautela, nos deixaram sem saber pra onde ir, formamos quilombos, que hoje é conhecido como favela.

Deixamos de trabalhar nos campos de trabalho escravo, e hoje trabalhamos nos “campos industriais”, nos matando por uma merreca de salário.

Senhor de escravo nos humilha, fala que se tiver achando ruim, pode ir pra casa, enquanto a filha dele come Danoninho, a minha abre a geladeira e diz:

“ - Papai, só tem água?”

O “homem branco” de hoje em dia é o empresário milionário, sua fortuna é herança de sua família dita tradicional... Tradicionalmente usuária de trabalho escravo.

Em suas “Casas Grandes”, tem de tudo: Sala de Cinema, Sala de Jogos, Sala de Estar, que é pra não ter o perigo de quando saírem pra se divertir, o descendente de escravos lhe sequestrar.

São vítimas da própria violência que criaram, bem feito! Mas ainda assim, contam com a ajuda dos “capitães do mato”.

Homens, que em sua maioria, vem da mesma origem,
mas por estarem em um cargo de autoridade, muitas vezes nos oprime.
Em suas “barcas negreiras” transportam eternos escravos, que passarão por uma série de tortura física e psicológica no SPC: “Sistema Pelourinho Carcerário”.

Depois do castigo cumprido o soltam e de novo lhe dão a falsa liberdade, sem saber pra onde ir, sem saber se conseguirá se reintegrar à sociedade.

Nesse tempo em que teve novamente enjaulado igual um animal, não o ajudaram a melhorar, e logo após sua saída, crimes ele voltou a praticar.

Mas numa dessas, ele trombou com os capitães: PAA! PAA! PAA!
Mais uma ameaça a menos à vida da playboyzada.

Sua passagem por aqui foi breve, igual o tempo de vida que qualquer escravo tinha, e pensar que esse final triste, fez com que sua certidão de óbito, virasse sua “carta de alforria”.

Falam que preconceito parte do próprio povo negro e que não existe isso aqui no Brasil, mas me fala aí: O que você acha de Monteiro Lobato que mascarava seu preconceito através de história infantil?

A história que ele não contou, foram das 50 crianças órfãs levadas pro interior do estado, do Menino 23, que teve sua infância roubada e passava o dia sobre trabalhos forçados.

E você reforçando esse papo, que negro não é inferior e por isso não vê necessidade de cota, entenda que é uma reparação, pelos danos da escravidão e o CPF de quem causou isso não vem na nota.

Ter seus direitos revogados é de gerar indignação, é tipo Solomon Northup em 12 Anos de Escravidão.

Batman, Capitão América, Homem de Ferro não são meus heróis, prefiro Django, que movido por injustiça e vingança matou os seus algoz.

Esse preconceito me comove e mostro todo o meu ódio perante essa injustiça, e como Djonga, levanto o dedo do meio e grito:

Fogo nos racista!”



Cabocla de Jurema

Eva Rocha, conhecida como Cabocla de Jurema atua como cantora, compositora e percussionista da banda Soul Negra. Começou sua carreira artística através do teatro e da dança, em 2018 se embrenhou no meio da música e em 2020 deu início a carreira solo, estreando com "Guerreira de Dandara". Cantar a ancestralidade e a voz do seu povo é o que inspira a artista que também é militante e defensora do movimento negro. Eva reside na cidade de Mossoró, sertão potiguar de onde é natural.

VIDA REAL

Cabocla de Jurema

Não tem consciência de Classe
Não tem consciência de base
Não tem consciência da sociedade
Não têm consciência da realidade

Aonde vai doutor
Com toda essa tirania
No jornal que minha mãe vê
Todo dia é uma Maria

Morta, assassinada, esfaqueada, esquartejada
Todo dia é sangue
Que manja minha periferia

Pergunto!
Quantas Marielles
Ainda vão ter que morrer
Todo dia é uma luta
Pra poder tentar viver
Ou esse jogo não aparece
No seu programa de TV?

Isso não é ficção
Isso é realidade
Você não tem a visão
Do que é sociedade
Preocupado com a novela
Síndrome de Cinderela
E pra nós que é da favela
Fecha os olhos pra não vê

Liga a porra do jornal
No quadro policial
Veja esse BangBang
Aqui da vida real
Escuta que eu tô avisando
Você não tá querendo me ouvir
Não escuta o procedê
Diz que é mimimi
Quando a bomba estourar
Buum!
Tu vai cair
Quando a perifa se juntar
Bozo seboso
Tu vai cair.

Não tem consciência de classe
Não tem consciência de base
Não tem consciência da sociedade
Não tem consciência da realidade

GUERREIRA DE DANDARA

Cabocla de Jurema

Sempre na linha da frente

Na luta eu sou resistente
Machista não vão me calar, não

Não vou aceitar, não vou aturar, não vou suportar, não vou silenciar
Macho escroto, vishhhh!
Aqui não é tão lugar

O meu canto é sagrado
Canto de revolução
Canto a voz das minhas irmãs
Canto a voz dos meus irmãos
Que ficaram no passado
Que jamais será apagado
E ainda vejo a escravidão
No racismo estruturado
É! Nós vai derrubar, é!

Não vou aceitar, não vou aturar, não vou suportar, não vou silenciar

Minha arma é minha luta
Luto pela minha vida
Aqui quem fala pra tu
É uma preta feminista

Já disse não vou aturar
Já disse não vou suportar
Sou guerreira de Dandara
Pano pra racista, vishhhh
Não vou passar, não!



Cumpadi Caboco

O jovem Luan Alves Gondim, conhecido como Cumpadi Caboco natural de Mossoró, sertão potiguar, possui formação técnico-profissional em Produção Cultural pela Rede de Ensino Desenvolvimento Artístico e atualmente estuda Música na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Centra seus estudos e trabalhos técnicos no campo da Cultura, reunindo experiência com a Cultura Hip-Hop e Afro-Ameríndia, a partir das linguagens Música, Dança, Literatura e Audiovisual, desenvolvendo trabalhos como Rapper, Beatmaker, Videomaker, Slammer e Instrutor Escolar. É um dos fundadores e estar coordenador de produção audiovisual no Ìgbín Ateliê de Lembranças. Vice-campeão do 1º Slam RN. Participa como poeta do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, do qual também é um dos fundadores e integrou a equipe de coordenação da 1ª e 2ª edição.

FILHOS DO CALOR

Cumpadi Caboco

Sejam bem vindos ao nosso interior
E prove da qualidade que explora o exterior
Aqui a rapadura é doce, mas também é dura
A água que te refresca, ela também te afunda

Somos a resistência, filhos do calor!

De olhos bem abertos pelas ruas onde ando
Sacando da onde veio quem aqui chegou
Me chamam de matuto e eu só matutando
Como matar a ignorância que a mídia gerou?

Pois temos as mais belas vistas que até nos dá gosto
Penso nos rios e praias, lembro dos lixos e dos esgotos
Mancha de óleo pode pá que vai estar lá
E é nos sempre que tamo pagando pelo erro ali dusôto

O mundo é comercial e tudo gira em torno do capital
Que não gira bem! Mas nós sabemos quem girou!
Me chamam de capitalista... Pois capito essa dívida e ponho na lista
E hoje cobro cada centavo que de nós vocês roubou

Com poesia marginal e movimento cultural
Os cumpade que já me conhece diz: “Ô Caboco doido”
É que pra falar essas verdades eu não ganho 1 real
Na real nos que trabalha e quem recebe é os outros

Concreto e aço, não segura o desabafo
de quem sempre foi injustiçado pelo povo do outro lado
E se tu é Nordestino igual eu, tá entendendo bem...
O por que eu tô revoltado.

Sou o homem bomba e hoje chamo o Pedro bomba
Pra junto com os aliados nos explodir o senado
Comeram do nosso piram e agora prova o cinturão
E corto suas línguas, pois errado apanha calado.

Não somos burros por preservas as vidas
Mas pra esses bolsominions eu tô cagando todo dia.
Respeite nosso sotaque e versado que é sagrado
Espero que tenha ficado bem explicado: “O Nordeste é Poesia”.

O Nordeste é poesia é Patativa do Assaré
Bateu de frente com nordestino? Vai voltar de Ré.

LOTAÇÃO

Cumpadi Caboco

Criança sem educação, conclusão?
Presídios e super lotação.
Rastro de pólvora do chão
E os zói no rotulo

Próxima ronda é o próximo óbito
Mas de manhazinha tem busão
De mãos para cima os irmãos
Né adoração não, é refém da geração

Dos craques sem bola
Onde criança chora e pede esmola
Por centavos dos corollas
Pra sustentar o vício de crack do pai
Onde ele deveria ser o craque da escola

(...)

E bala perdida também mata
Os “zomi” perde e nós acha
E cata, cada informação pra perceber
O que aconteceu e o que dizem acontecer

Que tão cegos pra ver né?
Inovaram as medusas
Tu assiste e eles manipulam
Pra desempedra é mais que jogo de espelho e cintura

E desconstrução, dessa falha construção
Pedido de redução na condução dos busão
Onde não deveríamos pagar 1 tostão
Em 2015 nos disseram não. Com opressão.



Carla Cecília

Jovem mulher negra e militante feminista, idealizadora da Frente da Juventude em Areia Branca, onde desenvolve trabalhos de estímulo à Arte e a Cultura, como sarau ilhado, cinema de sal e bate-papos feministas. Natural de Areia Branca e residente em Mossoró, sertão Potiguar, onde estuda História pela UERN. Artista de Rua, atuando como poeta e slammer no Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, sendo a 1ª classificada para a final local em 2020. Conselheira Estadual de Juventude na pasta de políticas para universidades públicas.

DESABAFO

Carla Cecília

Vocês se fingem de doido e pensam que a gente não sabe, o ódio da tal classe média com quem vem da comunidade, e todo novo dia é uma nova disparidade.

Olha pra o noticiário e diz que a coisa ficou preta, o câmara man me foca sob a mira da escopeta do agente da lei que protege o cidadão de bem, exterminando da favela quem os possam fazer de refém.

Mesmo sendo nós, os reféns desse sistema, quem sem muita escolha somos incluídos no esquema

Vocês sempre têm a solução, só precisam do problema
Se não tiver faltando educação e sobrando violência, como é que vocês fazem campanha política e as igrejas de assistência?

Dizem que bandido bom é bandido morto, discurso de quem não sabe que a gente da periferia já nasce com a corda no pescoço, não é preciso cavar muito pra quem já nasceu no fundo do poço

Minha realidade exposta é a aposta de quem quer me ver na lama, boiando no meio da bosta, esses mesmos que querem me converter e me levar pra igreja, são os mesmos que na primeira oportunidade, me cospem a face e me apedreja

Se pra você a coisa ficou preta, pra mim a coisa ficou branca, quando a polícia pergunta meu nome, mas antes disso me espanca, em couro de negrinho favelado de bobeira o cacete canta, Pra PM eu sou a marginal, a vagabunda a delinquente, o cidadão de bem é a corja dos filhos do presidente

Aqueles que a mão armada orchestra o maior assalto nacional

Fode periferia e asfalto, tudo legalizado direto do palácio do planalto.
Os branquelos tudo trancados dentro dos seus APs falando em pandemia, mas uma na conta pra que mora na periferia.

A preocupação daqui é a fome, ou quando chega à noite o batido dos “home” que aproveita a surdina da madrugada e invade a quebrada

Filhos do cão os próprios vírus de farda,
não tem quarentena, só resta a opção correr ou cair, filme de terror que já virou clichê de tanto que se repete por aqui

Não tem escola, não tem merenda, criminalizam minha erva, chutam minha oferenda.

Estado laico pra quem?
Pra quem é branco zona sul e não pra os conhecido Zé ninguém,

Aqueles que só servem para número de estatísticas dos aos montes nos hospitais ou dps mortos pela polícia

É duro essa realidade fatídica

Sem leitos no hospital o país se encontra em verdadeira chacina, o engraçado é o presidente querendo culpar a China,
Desvia a atenção falando em cloroquina, se explode um escândalo o gabinete do ódio imediatamente lança as fakes da vacina.

A gente enfrenta o vírus da PM, o vírus da política, o vírus social e tenta não ser vítimas da milícia.

O mundo todo só fala do Corona vírus e a passos lentos tenta reestabelecer a esperança, mas pra a gente tá difícil com o presidente infectado com o vírus da arrogância, prepotência, incompetência e ignorância.

PRA VIR DE ONDE VENHO

Carla Cecília

Pra vir de onde venho e ter passado dos vinte sem ter parado em uma sala quadrada, de ambientação hostil e paredes pesadas, já é grande coisa mesmo que não seja nada.

Está no fundo do poço com a corda no pescoço, ainda é melhor do que o fundo da vala, ou na ponta das navalhas, afiadas no arranjo do teu açoite ou na mira da tua bala. Que sempre que se perde é encontrada na carne dos nossos, que de tão violentados trocaram nosso axé pelo seu pai nosso.

É estranho pensar que a cor da melanina que cobre minha epiderme me defina, me sentencie sem direito a defesa sem a reparação da dívida histórica que me nega sua nobreza.

Pra quem vem de onde venho o maior status é a responsabilidade, se virar pra da conta de saúde mental, emprego e faculdade, essa distinção “racial” define qual o lugar do povo preto nas páginas do jornal, os branquelos classe A a gente sabe: tá lá na coluna social. Os de cor estão destacados nas páginas poli... tica racial e genocida sempre foi o forte da nossa nação

E sob os destroços dos seus marcos históricos derrubados sob os repressivo conflito, entre os capitães do mato e os revolucionários, reflito, sobre os perigos de transformar monstros em mito.

As dores dos nossos ancestrais, as lágrimas que minha mãe derrama, a revolta que nos meus se infama, tenho mil razões pra querer ver racistas em chamas.



Comedor De Camarão

Poeta, beatmaker e rimador. Natural do Oeste Potiguar busca nas suas produções visibilidade para as condições de vida da população periférica norte riograndense. Abordando temas que envolve a política e cultura desses locais, dando cara, gosto e cheiro ao cenário que tem um dos maiores índices de violência. Na expressão que o mesmo chama de Arte Denúncia desenvolve sua própria estética de composição.

MOSSORÓ 40°

Comedor de Camarão

Mossoró 40°...
A gente é acostumado ao calor (mas não calei)
Eu tive um sonho
Mas a realidade despertador (acordei)

Em síntese do que acontece
Minha poesia minha prece
As luzes em vermelho preveem
Quando a morte aparece
Guarda pra você suas teses
Que não sabe o peso cor da pele
Na cena da morte de branco?
Só os lençóis do IML
No mais é negra pele
E sangue vermelho
Bala perdida que sempre mata
Nos mesmo endereço
Santa Delmira, Santa Helena, Santo Antônio
E todo mundo sabe a cor da farda que usa o demônio

CLASSE A

Comedor de Camarão

Eu, preto classe A
Querem me rotular como classe C
Ahhhh... vai se fuder
Com facção eu aprendi o ABC
Mas sem noção da cartilha do ódio
Você não vai entender
Daria um filme, mas vim para atuar
Não vim para aturar branco escroto
Diga-me um A...
Que vou te apresentar minhas linhas e socos,
Que vai te rebocar do Redenção até o Papoco...
Davi derrubou goliás, eu derrubei Davi e tomei o posto.
Sou rei desde que nasci, sorri depois que cresci,
Porém vendo e vivendo aqui; só sendo louco.
Na galeria sem Vincent Van Gogh
Só Vicente ouvindo GOG...
Dia após dia,
Do bueiro vem o cheiro forte
Onde bala quem toma devolve
Por isso não tem romance
Nas minhas poesias...



Douglas Soares

O jovem negro Douglas Soares, residente em Mossoró, sertão potiguar, atua na área da Cultura, como Artista de Rua e Produtor Cultural nas linguagens Literatura e Música, com destaque em poesia, performance, rap e cordel. Atualmente divide-se entre a prática do poetry slam, as batalhas de rap e a carreira de rapper. Integrante do grupo Oito4. Representou Mossoró em Natal no Campeonato Estadual de Batalha de Rima. Fundador do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró.

EQUIDADE

Douglas

Eu suspiro, e vocês piram, e o SUS para lá na favela
É porque se eu ficar doente quem vai me atender não vai ser o Dráuzio Varela
eu puxei minha katana e hoje eu tô "catano" verso e isso vem me destruindo mais que furacão
katrina
e revogar direito só sentado no sofá é igual querer me esfaquear sendo um lutador de esgrima
em mim não falta sensatez, nosso jogo é de xadrez, peças claras com dinheiro e as pretas com
a metranca
Não queira se comparar, será que vai te incomodar se eu comprar uma mansão e encher de
empregada branca?
arrancaram minha alma, só deixaram minha cor, um corpo esquelético caído logo depois do
açóito e se você quer reclamar sobre minha cota racial, eu vou te passar o ramal, disque 1 8 8
8

Hoje com tanta burocracia, a minha meritocracia não condiz com o que eu conquisto
E nessa questão de TV eu nem me meto, mas se Jesus fosse preto você não ia ver Paixão de
Cristo

Eles gostam de preto? não! Por isso esquecem a audição e mantem o ouvido tampado
Como amar meu semelhante se não enxergo no seu semblante um cavalo ou um jacaré
estampado?

Estão pardos pra fazer o ENEM de graça, né!? Eu estou farto de ver o quanto "cês" disfarça
E o Brasil miscigenação de raça, né!? Pelo contrário é miscigenação de farsa!

E o vento que resfria aqui hoje, é o mesmo vento que soprava as antigas caravelas
Ai você me pergunta como pôde? O povo preto predomina o Alphaville ou uma favela?

na soma entre os fatores resulta no mundo mal, meus valores? Não estão numa equação de
segundo grau

nosso povo te consome até no seu funeral, e a solução para a fome nos dão uma Parafal
Não sou da sua premissa, eu prefiro ser primata, talvez por estar no alto eles me chamam de
macaco

Seu sussurro de cobiça hoje já não me dilata, o frio que tenho aqui dentro é igual um esquimó
sem casaco

Enquanto sua embriaguez mata inocente nas vias, você tá preocupado com o lutador no
antidoping

Enquanto o nosso povo aqui está sem energia, é estranho... porque o tratamento é sempre de
choque

E quando eu falo de postura não é da coluna cervical, é apenas ser resistente ao que te causa
prejuízo

Talvez fato de não pôr dinheiro pra fada do dente explica hoje eu não conseguir dar um
simples sorriso

MORTE

Douglas

Talvez a morte seja um sono sem sonhos
Morrer dentro de si
Homem tem medo da morte e inventou o paraíso

Morte

Talvez a morte é o descanso pra alma pobre
É um choro sem vela que afaga a nossa vida
Talvez a morte seja o choro do velho nobre
Que ralou tanto por grana que hoje tenta curar a ferida

Talvez a morte seja a cancela pro descanso
Que o homem sempre teme colidir com o sono eterno
Talvez a morte seja uma porta pro avanço
Ou somente uma metáfora do caminho céu e inferno

Talvez a morte seja o gosto da impureza
Ou será só sua explosão de pecado
Talvez a morte seja o instinto da natureza
Ou somente um corpo ao chão sem nenhum significado

Talvez a morte seja a visão do paraíso
Ou a lágrima escorrendo caminhando pro inferno
Talvez a morte seja o choro do prejuízo
Ou duas mãos que rezou tanto pra ter o abraço paterno

Talvez a morte seja a linha tênue da vida
Que separa a alma boa do espírito ruim
Talvez a morte seja só uma contrapartida
Que manteve meu corpo vivo, mas morri dentro de mim

Talvez a morte, nem seja mesmo a morte
Pode ser somente uma passagem pra outro plano
Talvez a morte, ah se eu tivesse sorte...
Eu queria ser amado ao invés de ser humano

Talvez a morte seja a escassez de sentimento
Desse bendito amor que o meu corpo não comporta
Talvez a morte seja só um fingimento
Que daqui eu vou pro paraíso que essa palavra conforta

Talvez a morte seja o arrebatamento
Por isso abracei um deus pra que eu possa morrer em paz
Tavez a morte seja um mar de sofrimento
Pois não consegui fazer jus pra o corpo que hoje jaz

Talvez a morte seja sinônimo da vida
Pois o óbito vem travestido de obter
O que é a morte? mas que pergunta suicida
Pois a resposta só saberei quando eu morrer



Larissa Galvão

Artista mossoroense, 25 anos, slammer, faz poesia desde a infância, mas só iniciou as apresentações em 2019 quando conheceu o Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, e já no início de 2020 participou de sua 1ª competição, cerca de um mês depois participou da sua 2ª, onde já ganhou em 1º lugar, e uma vaga para o Slam Viral, que considerou uma experiência incrível e de muito aprendizado, também participou de uma competição em São Paulo (Slam da Guilhermina), e foi co-organizadora da integração entre o Rap di Mina e o Festival Decolonial de Rap. Co-organizadora do slam estadual, o Slam RN e atualmente contribui com a gestão do Slam Mossoró.

MARIAS

Larissa Galvão

Mossoró interior do Rio grande do Norte,
Onde eu tive que aprender a ser forte.

Eu? Sou mais uma cria de favela,
Sou princesa, mas não sou donzela,
Sei muito bem onde eu quero chegar,
Então dá licença que eu quero passar.

Meu cabelo é curto e não vai ser a sua escada,
Seu cavalo branco não desce aqui na minha quebrada.

" - Xiiiiii lá vem mais uma militante,
Esse assunto já tá desgastante."

Gasto o gosto do desgosto desgaste,
Se pelo menos você enxergasse,
Pra quem tá passando pano?
Quantas mulheres morreram esse ano?

Pesquisa o assunto no Google, resumo da Wikipedia,
Copia e cola no instagram pra 'fazer a média'.

Se é para ter base rasa, então por favor: Vaza!
Não entende a gravidade da situação?
É mais uma Maria que foi pro caixão.

Pode estar acontecendo agora,
Mais uma Maria apanha lá fora:
Um monstro a lhe sufocar,
Ai meu Deus ela vai desmaiar!
Ele a arremessa contra o pilar,
Ela aos prantos recupera o ar, (suspiro)

Ele grita: - Não vai trabalhar!

E o vizinho diz que é normal,
Coisa de casal, mais um conto de fadas que acabou mal,
Quem se importa afinal?

Era só mais uma preta de favela,
Ele nem batia Sempre nela,
Quer dizer, não é como os casos da tv.
Quando vai perceber é mais um número da estatística,
isso quando vai para estatística, no interior do Rio grande do Norte se não for por pensão
colocar seu marido no banco dos réus? Meu deus essa daí não vai para o céu! Ele aparece no
jornal, ela destruiu a família tradicional

Se disfarça ter seu pensamento machista!

Se não consegue sentir empatia, a dor, o horror,
Cuidado! Está se transformando num PC,
Ou será que sou eu que tenho que ter medo de você?

RACISMO ESTRUTURAL

Larissa Galvão

Me desculpe se eu sou sarcástica, ou se meu tom é mordaz,
É que o meu pensamento é... Sagaz.
É que eu não sou criado mudo,
Que vela seu sono ao lado da sua cama para te servir de tudo.

Deitada na minha cama olho pras telhas do meu teto,
A frase: "Feito nas coxas" espanca minha essência enquanto só te fere o ego.

Muda tua postura, muda tua atitude,
O que eu quero para vida é paz, saúde e plenitude.

É que minha língua solta,
E pra racista e vacilão as idéias são poucas.

É que eu tive que lutar 520 vezes mais pra ser tratado como igual, e continuo lutando 520
anos e a situação tá muito longe do ideal,
Foi preciso um protesto para ter uma bancada só de pretos no jornal.

Preso debaixo de um convés,
Correntes amarram meus pés,
Chicotadas e pontapés,
9,5 não é 10!
Porque que o branco é paz, e preto é morte?
O significado das cores definiu a nossa sorte?
São questionamentos que eu tenho desde outrora,
Mas esquece, cês não são tão preparados para isso agora.

Enquanto vocês fingem que eu não existo,
Eu resisto,

Tipo pique René Descartes: "Penso, logo existo".

Para fazer concurso público o preto tem que se autodeclarar,
Para uma bancada avaliar,
Vocês e suas manias de rotular.

Preto é raça,
Pardo é papel eu já falei desgraça.
eu desço dessa solidão espalho coisas sobre um chão de giz

É mas o giz aqui desenha corpos no chão,
Presos em panelas de pressão, a opressão, humilhação, indignação, o corre para ter o pão, o
apoio a arte do irmão.

Os olhares, a maldade, a sede de poder, estamos indo as raias da loucura,
A falta de melanina define quem é raça pura?
O racismo é uma doença, a minha poesia a cura.



Pepeu Savant

O jovem Pedro Fernandes do Nascimento, conhecido como Pepeu Savant, nascido e criado no Santa Delmira e no Santo Antônio, bairros periféricos da cidade, atua como Artista de Rua e Produtor Musical, desenvolvendo trabalhos como Rap, Poesia, Slam e MC. Fundador e participante do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, atuando como Mestre de Cerimônia e Poeta, tendo se classificado em mais de 04 etapas como 2º colocado. Em 2019 atuou no 1º Slam RN como Mestre de Cerimônia. Ainda em 2019, lançou sua primeira música, em co-produção com os

produtores Caboco e Comedor de Camarão. Em 2018, atuou na banda Conexão Jamaica, cantando e performando como vocalista e base de violão no I Acampa Reggae de São Cristovão, evento organizado pela Atlantic Surf. Em 2017, através do Coletivo Xamãs na Rima, atuou cantando, rimando e recitando em espaços urbanos das cidades de Fortaleza, Canoa-Quebrada e Icarai no Estado do Ceará.

A PRAGA

Pepeu Savant

Na selva de concreto não sobra teto
É mil favela por metro
Fome, miséria, milhões sem afeto, querem julgar sem nunca ter passado perto, da fome, do medo, do preconceito por ter nascido sem dinheiro, segregação social, onde produzir melanina é um defeito, não, eu não aceito, sem correntes nas mãos, mas pro sistema o lema ainda é escravidão

Tem que pagar mensalão, lava-jato, jatinho, pensão, do restaurante francês mais um prato, e quem paga o pato? O pobre, a educação e o aposentado, enquanto o senador de terno, BMW e um mega-salário

Quantas mortes, quanto feminicídio, quantos amarildos, quantas mães chorando a morte do filho, enquanto bolsominions gritam emocionados, eu te amo, me salve Bolsonaro, leva meu futuro, leva minha nação, não preciso de mais nada, só da minha arma, pra quê cultura e educação?

Tem que ser onírico e empírico, confronte o conflito, reflete, eu reflito, tu pede e eu digo, sempre direto e preciso, rumo ao paraíso, mas só um aviso

PSDB, PSL, tá tudo ligado, a quadrilha domina o partido, são tudo pau mandado, estancaram a sangria, já dedaram o lula, pra fugir da culpa, e até que devolvam nossos direitos, mortos, seremos os primeiros, a revolta do povo é só o começo, ideias, são a prova de bala, e nenhum dia eu esqueço, que as crianças já consomem desde o berço, nos alienam e matamos a nós mesmos, perdidos no labirinto da gravata, somos, a nossa verdadeira praga.

VENDETTA

Pepeu Savant

Hoje é dia de rap e poesia, Xamãs na Rima, chamou na rima, saíram chamas, as que queima e purifica, violência, argumenta, pacífica, quem gostou já passa e fica, peraí, isso é letra ou ele tá improvisando, não importa, materializando, diretamente de outro plano, abri minhas portas, essas linhas, anota, cada nota, cada free, deixa fluir, fuga da mente, deixa fugir

O futuro é longo, é nos por nós, Mossoró a chapa é quente, trazendo a vendetta do nosso algoz, vivendo cada dia sempre após, sempre a frente, cada escolha, um caminho atroz sem volta, cada estação, colhendo a dor pra semear revolta, colhendo amor pra semear de volta, é o karma, é a troca, um fluxo contínuo, será o destino?

Não adianta tem mira sem objetivo, não adianta ser RAP sem compromisso, você tem "HYPE" e uq eu tenho a ver com isso?

Cada um vive o seu, e eu vivo no que acredito, Mossoró, Santa Delmira, mostrando que o nordeste, ta vivo e forte, não escapa nada nem ninguém, tamo de olho no baile, é por amor e por esporte, com as de dois ou com as de 100, fazendo o bem, sem ver a quem, deixa rolar que o universo vem

De encontro a você! Mais tarde tem freestyle, cê vai entender, que a meta, é a troca, de energia e informação. Vi e verei o hip hop passar informação, viverei pra cantar noutra canção, pra rimar noutra sessão, essa sim, é nossa verdadeira função como MC, não é falar de mulher, dinheiro e renessy.

E cê até pensa, quem é esse muleke, pra tá falando assim? tá precisando ouvir umas verdades, para de olhar pro seu umbigo, e olha pra tua cidade, jogada as traças, o país mais corrupto dos mapas, a vergonha estampada nas praças, no rosto de quem não sabe, quando vai voltar pra casa, quando vai ter uma lata, pra acender o frio que rasga a sua carne, e isso aqui não vende, mais é tudo verdade!

A CIDADE

Pepeu Savant

"Bolsominions numa jornada maldita, ou joga uma bomba ou joga uma reforma política
Facismo no poder, e o povo não acredita, ou joga uma bomba ou joga uma reforma política"
Eles pensam que a gente não sente, que o povo não sabe, não vê, o que tá acontecendo, e a gente calando sofrendo, um amargo na boca, a garganta doendo
Me corroendo por dentro, onde o circo anda armado, e o povo morrendo de fome, não adianta microfone, hoje todo mundo sabe, cada boi tem o seu nome
E a lista é farta, e a lama é tanta que quebraram a casa, e aos filhos? Restaram migalhas, que são levadas, por quem criou sua desgraça, e aí? Não da nada
Muda?! Nada! Pois um povo sem história é um povo sem nada, mas ganância é fraca, e a vingança causa, a matança generalizada
"Bolsominions numa jornada maldita, ou joga uma bomba ou joga uma reforma política
Facismo no poder, e o povo não acredita, ou joga uma bomba ou joga uma reforma política"



Prisma

O jovem Brendon Vinicius, conhecido como Prisma, natural de Mossoró, sertão Potiguar, residente no Bom Jardim, bairro da periferia é estudante de Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Pitágoras. Artista de rua, atuando como Rapper e Poeta a cerca de sete anos, trabalhando com os segmentos rap, poesia, slam e música em apresentações culturais, assim como shows pelo nordeste brasileiro. Participa do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró e do grupo/gravadora The Kings Records.

BRASIL

Prisma

Países falando pros seus não virem pro brasil
Que aqui é um total caos
território hostil
Junto com cartão postal leve de brinde um fuzil devia ter mais upps em Brasília do que falsos
moralistas no rio
Um mundo seco insano e um povo enganado sem dó
Primeiro oferecem vários planos pra depois deixar o país na pior
Desde menor a realidade sempre foi assim
Alguns de nós pensam que são reis
O bobo do povo acredita que sim
Vê lá, não muda nada nunca nem nunca vai mudar
Enquanto houver opressão e o povo só olhar
No olhar do preto eu vejo força de vontade
Que na maioria dos brancos eu não vejo a metade
Vivemos num tempo que é feio cultura mas é bem bonito roubar
Foi assim na ditadura e ela também caiu para provar
Que o bem e o mal existe em qualquer lugar do hemisfério
Escolher qual seguir na vida fica ao seu critério
Vejo almas voando mais cedo
E o governo ajuda a nações
Acha que aqui não tem desemprego? Devia visitar os sertões
Noções do que vivi na minha terra humilde
E não vai mudar nada aqui por mais que eu critique
Black blocks teatrais, mais que coisa ridícula
Tomaram dose de anarquismo numa pílula?
A mídia não consegue mais alterar a verdade
Aqui nós viemos para investigar mesmo tipo a swat

Forças revolucionárias, sociedade armada, chamada de terrorista por escolha arbitrária
Comunista até o fim por sociedade igualitária
E que a igualdade reine nessa selva sanguinária
Estamos por perto, preparados para sempre ganhar
Força de vontade pra sempre lutar
Repetidamente, na intensidade, meu vício é a luta por um bom lugar
Eu vejo a paisagem de uma favela, terra destruída sempre corrompida por nada, descaso de
quem deveria cuidar
Brasil, vamos nos preparar
Guerra civil começou, vamos revolucionar
Brasil, vamos nos preparar
Terra gigante eu sou, ordem e progresso já!

CAMINHOS

Prisma

Caminhos a cercar tudo que imaginei
O odor da sua invalidez
A fazer tudo que esperei de você quando desabafei
Fiz o que refleti sem corte, temposofri, lágrima escorre
Pois eu não acordei, no ouvido demônios falando o que devo fazer
O palhaço no palco, sou um poeta machucado, nessa trilha em que piso em falso,
O brilho que um dia foi só um caco, hoje é espelho brilhando no palco
E olha que le norte nunca mandou mal
E olha que le norte tem name no mapa
Tipo assim, dono da rua eu sou um gangstar
Refrão
Mina não chore não mina eu sou teu popstar



Rafael Araújo

O poeta e performista de nome Raphael Araújo Lima é aluno da UFRN, graduando em Teatro e conheceu o hip-hop nas ruas da cidade de Mossoró, sertão potiguar, onde se criou por 8 anos. Entre rodas de break e uma lírica individual conheceu o Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam em dezembro de 2017, tornou-se um poeta ávido das competições e de apresentações demonstrativas em escolas locais, UFERSA e UFRN. Também bailarino do Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GRUDUM/UERN) e do Diocecena participou dos espetáculos “Estações”, “Os quatro elementos” e “Egito” nos anos de 2018 e 2019. Atuando ainda no ramo das Artes Cênicas escreveu e atuou em apresentações com o GRUTUM por dois anos, onde descobriu sua paixão pela dramaturgia e performance.

APONTE!

Rafael Araújo

Aponte quem anda com você
Aponte quem te fez entender
Que a ponte que pra você significa locomoção
É a mesma a onde acaba a solidão
Onde nasceu a corrupção
“Menino, pare de apontar, é falta de educação”, do que mais o meu povo carece?
Enquanto você ensoberbece de ilusão
Meu povo cai ao chão sem nenhuma atenção
Saúde e educação? Aqui você não vê não III
O controle de massas sempre foi prioridade para que nunca descobrissemos a verdade que a
sua humanidade é e sempre foi baseada em dinheiro e vaidade.
O potencial de lucro à nação
É isso que move seu coração
Romantização o ter para que o foco nunca fosse ser
Pois quem é sabe, o preço que tem a liberdade
TÁH TAH TAH!
E essa é mais uma história de um liberto dessa cidade!

RESISTÊNCIA

Rafael Araújo

ENSINE A NAÇÃO A SE DEFENDER
NÃO ATACAR POR PRAZER!
Não me diga talvez quando você sabe que não será a minha vez
Não me proponha amor se você apenas pensa no pudor
Você diz que eu tenho autonomia pra escolher
Mas você se quer se preocupa em entender
Conceito? Preceito? Preconceito!
Nossa indignação corrói o coração
No entanto vamos a guerra pra cantar nossa canção
Mas o cidadão de bem tá atrás de responder com uma arma na mão
Enquanto usamos da nossa empatia
Vocês abusam de vossa hipocrisia
Ihhh, falou que vai chamar o capitão deputado
Que passou num sei quantos anos só sentado lá no Senado
Agora vem dizer que vai fazer por você
Falou até que ia resolver o problema com a segurança
Mas quer fazer isso tirando toda sua esperança
De vez, de vós e a nós vamos a guerra do dia-a-dia
Vai lá traz a sua infantaria
isso não vai me impedir de gritar, RESISTÊNCIA, todos os dias.



Scape

O jovem rapaz, Eridson de Jesus Silva Junior é conhecido como Scape, um apreciador da arte da Música, é natural de Mossoró, sertão potiguar, nascido e criado no Santa Delmira, morou em outras cidades ao longo dos anos. Artista de Rua, atuando nos segmentos Rap, Poesia, Slam e MC. Participa do Festival Mossoroense de Poesia Performática Slam Mossoró, atuando como Poeta, tendo se classificado em mais de 04 etapas como 1º colocado. Em 21 de Agosto de 2018, lançou seu primeiro single, intitulado "Enfermidades", com a produção do Cumpadi Caboco. Em 2018, atuou na Conexão

com RJ, em um Feat com GB MC, intitulado "Tráfico de Versos". Ainda em 2018, através do Slam, atuou cantando, rimando e recitando nas cidades Mossoró e Natal, em espaços, como escolas, faculdades e a Estação das Artes de Mossoró.

QUARENTENA

Scape

2020 é dentro do quarto..
Por que é quarentena, e cê tá ligado
Que é um palhaço esse presidente..
Que sem argumento cita tua mãe e fica contente.

Esculacho, eu vou é te matar
Sufocado e sem ar, igual o corona
HahaHaha
Que ta matando a galera sem vaga na UPA

Então, Podipah.
Que Scapeta, revoltado, ô se ta...
E a favela é quem vai chorar, se o governo pra ela de novo não olhar.

E a minha xinela, ela vai falar...
Na tua face vai estralar..
Se você, vacilar, podcre,
que ela vai terba, ela vai arder..
Paraaprah pra..
Se não se render
Olha como é que tá..

O caos tá instalado
E tem morte a doidado
E ainda uma galera esperando na fila pra ser entubado

O governo é um safado/
O sistema um arrombado..
Que rouba você, e depois te ilude com sorrisos falsos.

Mas dps de 4 anos pede pra ser o seu candidato, seu eleitorado.
Não me procura, tome no cu e va pra casa do caralho, que fica no sul...
Sou do Nordeste, cabra da peste, e se eu to com a peixera os bozootario n me teste.

Isso foi Scape, SD - Praça das Cobras - Mossoró - RN - 084

C tá ligado 2020, registrado!



Vitto Poeta

Estudante de psicologia e coordenador do Slam do Conhecimento (Campeonato escolar de Poesia Falada), o primeiro da modalidade no estado. De forma independente, publicou no ano de 2019 o zine-book "Cada", um livreto de versos curtos e produzido com material reciclável. No mesmo ano o poeta também fez uma participação especial no espetáculo "Auto da liberdade", onde compôs e interpretou o rap de encerramento da peça. [@vittopoeta](#) faz parte do movimento de artistas que utilizam das redes sociais para levar poesia de forma acessível ao público. Trabalhando com uma proposta multicultural que mistura a estética contemporânea à regionalidade, o escritor também desenvolveu trabalhos para além do universo das palavras, como a mixtape "Afropotyguar", a qual assinou a co-autoria da obra junto ao artista Jongozú, o filme "Coragem" e o videoclipe "Espivitada", além da web-série literária "afropotyguaridades".

CIPÓ

Vitto Poeta

Desceram o cipó no menino da favela
E a cada canetada
eu me pergunto:
"Por que desceram o cipó no menino da favela?" –
E é cada candidato que as vezes eu me assusto. (Riso)

Se com golpe de caneta eles roubam dinheiro público
E a cada golpe de estado a gente se afunda com a dívida externa

Tanto faz se for Aécio, garotinho ou getúlio
Brasil neo-colonizado

ignorantes fazem guerra,
O sistema
precisa dela

Vende a droga,
pega o lucro
e depois apaga o viciado
E aí cê tá ligado

Quem come o fruto do mal nessa terra?
É o pobre que se auto-mutila,
Ou a elite que torce pra que a bala se perca
longe dela?

E você,
Não se mexa! Não se mexa e nem se meta.

Melhor ficar parado!

Quando menor que nem se alimentava entrar de oitão no supermercado
E cê lembrar que deixou a filha em casa e se não voltar pode dar tudo errado!

- Igual a vida desse menorzin, que cresceu sem pai, conheceu a fome
E viu...

Que no mundo dos homens
A lei é do cão
E cobra cada detalhe.

E cada xibatada nas costas,
E cada ferida da alma exposta pro mundo contém verdades,

Mensagens (Memórias) e frases póstumas
Aqui serão saudade
Serão só uma lápide
Um corpo rabiscado...

E aí, cê tá ligado

Poesia existe pra mostrar que tem um mundo melhor aqui do lado

E se a gente se unir
Ou ao menos se respeitar
Pode ser mais que utopia
Rap, repente, poesia
Tudo no mesmo lugar.

(Na última linha)

ROXO

Vitto Poeta

"Não existe lei pra todo mundo!"

Aqui é Brasil, o sistema é diferente
Porque aqui...
Não existe lei pra todo mundo!

Muito preto e o dobro de luto
Ponta de faca encara no muro
Autodidata, rima de adulto
Nome no muro:
Dandara!

Tá no livro empoeirado da biblioteca desabitada.
E a história se repete Mas quem dera fosse...
- 1875.
Motim das mulheres!

Tá na história da cidade que eu nasci
Mas o cenário tá mudado é só checar na internet
Talvez não acredite nas verdades que eu já vi
Talvez não acredite que o machismo prevalece
E até se fortalece pra quem finge não ouvir
O grito das guerreiras que tu finge não saber
Que são executadas todo dia por aqui
Esquece de onde veio e que
até mamou no seio, se
Tá difícil pra você, imagina quem vai parir.

Dandara, escravizada.
Dandara, travesti
Assassinadas

Mas na tv tem futebol
Marginalizam a quebrada

Geração do colesterol
Mais mil verdades inventadas

Mais uma pipa corta o sol...
Não dá nada!
A gente se vê por aqui. Pelas telas...

- Marielle Franco?
- Presente!



Yane Oliveira

Jovem mulher negra e feminista. Natural de Caraúbas e residente em Mossoró, sertão potiguar, onde estuda Mecânica pelo IFRN. Ativista dos direitos das mulheres e da população negra. Artista de rua, atuando como poetisa e slammer no Festival Mossorense de Poesia Performática Slam Mossoró, onde teve destaque em 2019 como a primeira mulher a vencer uma etapa e, assim, classificar-se para o 1º Slam RN.

ESTAMOS SENDO PREPARADOS

Yane Oliveira

Preparados para uma votação nessa tal democracia. Presos em um universo político, com divisões fracas entre direitos e deveres.

Esse é o Brasil colônia moderno, e os barões continuam a nos açoitar.

Enquanto uns, fecham os olhos diante do sofrimento, outros gritam: Vamos a luta!

Mas e aí? Nós só vamos à luta? Ou vamos vencer a luta? É assim que o meu pensamento se divide, o mundo se divide.

O brasileiro põe a mão no peito para cantar um hino que não condiz com a realidade. Eu coloco a mão no peito pra cantar um hino, que dele, só nos resta o céu.

Nos colocamos em nosso lugar, mas esquecemos que nunca tivemos lugar marcado e e quanto nos apertamos na multidão a mente agoniada obriga o pobre a se humilhar por um salário injusto. Porque ou é isso, ou não é nada.

E os excelentíssimos estão lá no congresso, reunidos para mais uma votação. Onde o tema é de novo dinheiro. E a dúvida é "tiramos mais verba da saúde ou da educação?"
Afinal, esse é o Brasil colônia moderno, e os barões continuam a nos açoitar.

Agora vamos comparar! Fábricas, são como colheitas.

Favelas, são como senzalas.

O governo, é o açoite que a elite está a segurar.

E nós? Nós continuamos os pretos pobres que apanham pra trabalhar e trabalham pra apanhar.

Meus senhores! A escravatura foi atualizada com sucesso para carteira de trabalho. "Só que hoje temos mais direitos" mas de que adianta, se continuamos desrespeitados?

Enquanto o nosso presidente "twita" por aí, mais um roubo é ocultado. Pense bem! Não são atoa os 50 investigados da lava-jato.

Tudo isso porque os "superiores" não nos querem como pensadores. Eles nos querem como trabalhadores, para carregarem as dores que eles não conseguem carregar.

Não querem pessoas que saibam debater ou questionar e por isso nos fazem de escravos modernos sem dó, nem piedade.

Tudo isso porque esse é o Brasil colônia moderno, e os barões continuam a nos açoitar.

Terra à vista!

Yane Oliveira

E foi aí que o problema começou. Um dito erro de navegação que nos proporcionou ódio
força e rancor.

O problema já está aí mas eu devo me calar

É isso que eu tenho que fazer

Fora partir, amamentar, apanhar. E por aí vai, é uma lista imensa. São erros disfarçados de
acertos e conceitos "perfeitos " A serem praticados só por crença.

O que eu mais crítico é a contradição, "mulher tem que trabalhar em casa, com a barriga no
fogão" mas trabalhar pra alcançar a independência financeira eu não posso não?

Chega até ser engraçado. Além disso, ainda tenho que aguentar tiazinha me perguntando de
namorado, mas ela nem tem culpa, só foi isso que ela seguiu. E eu? Eu prefiro ser contra a
dependência e não acobertar as merdas que acontecem desde o tal "descobrimento do Brasil "
Então volte o foco para nossas ancestrais, que foram espancadas, amedrontadas e estupradas
por quem, hoje em dia, se esconde atrás de um título de bom rapaz.

Ah e tem a população, pelo menos grande parte da população. Que nos culpam por não
sermos lindas bonecas, singelas e cheias de amor no coração.

Eii meu senhor, me desculpe por não ser a patricinha que você esperava, é que enquanto eu
arrumo o cabelo ou passo maquiagem tem outra mulher sendo estuprada e é com isso que eu
estou preocupada.

E aí? Ainda não sentiu remorso? Agora só falta dizer que nós somos a culpa do seu divórcio.
Não nos culpe por algo que foi você quem provocou. Sua mulher quer liberdade de expressão
e você é o principal opressor.

Mostramos muito antes de 1900 que estamos aptas ao trabalho, mas ainda assim nosso
esforço continua desvalorizado, a dominância ainda é do patriarcado e poucos são os homens
igualitários.

POSFÁCIO

Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar – POSEDUC/UERN

Abraçar a dádiva da palavra impregnada no convite para posfaciar a obra Poetry Slam em Mossoró/RN – Poesias e Traços Biográficos de Jovens Slammers é viver na alma, na pele, no cheiro, no aroma, na amorosidade, ladrilhados com sensibilidade, com generosidade, os braços e abraços humanos que nasce **das potencialidades mossoroenses através de jovens** que mostram seus rostos e seus corpos em movimento na/diversidade. **A dádiva maior é o prazer de sentir a emoção por estarem, seus escritos, carregados de pertencimento de quem escreve, sente, vivencia, pratica.**

Para este momento dizer da força narrativa das palavras que trazem a marca de si e do outro. É inspirada pela robustez da narrativa desses jovens que nos permite um mergulho no abissal dos nossos pensamentos e volta como um vulcão em erupção atingindo outros corações poéticos. Destacar as lições autobiográficas que os jovens poetas do Slam tendo como ponto de partida, o viver a vida com o mundo, consigo e com os outros. As lições das dimensões subjetivas e da subjetividade que permitem entoar dos seus corpos, dos seus corações, de suas andanças, de suas partidas, de suas chegadas e muito mais, dos seus percursos, permitem o autoconhecimento. Escutar a voz dos caminhos construtores e diante dos quais dialogamos no interior de cada um, no presente, inspirados por todos esses jovens abre caminhos para tantos outros percursos do criarmos e recriamos. Esses são processos formativos que levam à questão do ser humano, como central, como sujeito e como objeto do processo de transcendência. Ao escrever o mundo, a partir de modos de viver, narrar, guardar em diálogos cruzados na região de fronteira onde os sujeitos se tocam, modos de produção da vida para apreender novos contornos e configurações na arquitetura da cartografia de partilha, reflexões, aproximações. O livro aglutina a inventividade e nos construímos como produtores das nossas histórias de vida. Contar a minha história para viver a minha vida, a sua vida, dando-lhe um modo que lhe corresponde revela o pungente dos processos de produção da vida com base nas vivências cotidianas no viver as questões sociais e comprometida com a diversidade.

Ao longo do passeio sobre cada escrito do slammeres narrados no livro Poetry Slam traduz o encontro com a maestria do viver a vida no cotidiano da vida. Sem alguma obrigação de lembrar, mas do sabor doce e suave do lembrar por onde caminham com quem caminham, e com quem constroem alegrias, sonhos, certezas e incertezas, dores, interdições e permissões, no prumo dos valores de respeito aos princípios da dignidade humana. Fazem-se com base na

honra e dignidade com e para a vida. Alertam para o valor das relações de vínculo cimentado nos braços, no colo, no corpo de jovens resilientes na performance dos valores humanos.

Das tentativas das interdições dos saberes, cuja identidade está na pele, no cheiro, na cor, na história vivida em coletivo, aos anúncios desses saberes aprendidos com as gerações que lhes antecederam e que lhes sucederão permitem desvelar nossas histórias que envolve e proporciona dizeres e saberes entre o ontem, o hoje e o amanhã, em uma relação interativa e dinâmica. As nesgas dos saberes contido em cada um desses jovens Slammers, dentro de cada um de nós, estão e são latentes. Serão sempre latentes, estarão sempre latentes. E aqui, faltam palavras para dizer como são tão que em tudo o que se desenhe, escreva, faça, produzem estão os sinais de artistas da arte da vida e dos viveres que atravessa o tempo fazendo-nos companhia.

Diante dos ensinamentos dos textos e dos contextos das narrativas apresentadas pelos jovens Slammers desta obra, a oportunidade de descobrir, de continuar perfazendo um caminho de valores das relações de vínculo, esse pequeno pedaço de terra fértil entre os terrenos de ontem e hoje, fortalecedores do amanhã. Viver através de cada momento dito pelas narrativas, posta neste livro, é está inscrito em cada um dos que terão oportunidade de lê-las. Tudo o que sabemos está para além de qualquer palavra que desejemos dizer. Para além ou aquém das palavras para dizê-lo.

Nas narrativas de vida aqui postas, são com um alforje que nos torna pensável. É um saber que não se sabe totalmente, pelos mistérios do que não fica em palavras, mas que permeia os pensamentos. Instala-se no imaginário, no querer dizer e não foi dito, mas pensado, mergulhado em precisar dizer, mas se conter em dizer. É um saber que não se sabe, como um clássico, que nunca se esgota. Menos por sofisticação de palavra, de escritos, de produções da vida, do que pela simplicidade da sabedoria que não teve ocasião de se expressar. Ensinamentos disponibilizados por meio de cada licença poética desta obra Poetry Slam ficam guardados em sua oralidade de palavras comedidas, pensadas, ditas, outras carregadas de silenciadas. O silêncio como ensinamentos tão mais fortes do que o expressado. É o estoque potencial de vida, naquele alforje ainda não oralizado, ainda não sabido, aprendido, num insciente, seu desprevenido. O cesto rústico, posto que em construção permanente, está expresso e carregaremos, como depositário desses entendimentos sobre a vida, atravessando anos de vida, como transversal em toda as dimensões de nossas vivências.

Poetry Slam não só se espalhou para o estado do Rio Grande do Norte, senão com a potência de atravessar todas as fronteiras possíveis e, em especial, as fronteiras dos viveres, dos sentires, dos saberes como vozes, braços, abraços, mãos debruçados na sensível arte de ecoar

poesia carregadas de significados de vida, de cada um que canta sua poesia para cada um que ouve e se envolve trazendo identidade aos narrados. Um encantamento que reencanta, por assim dizer, na promoção do *ethos*, da pertença com um ruído que gera ruídos. Com essa argila nos mantemos como autores a atores compondo com os Slammers desta obra uma orquestração fincada na voz do coração lá traz por gerações de lições de vida. Concordamos ontem, concordamos hoje, talvez mais do que, diariamente, está aberto à memória o solo em que pisa o livro Poetry Slam e a paisagem humana que nos presenteiam com sua profundidade, com respeito e dignidade conjugados.

Nutrido pelos significados de cada som, de cada palavra no caminho dos encontros formativos este é um livro de lições de memórias e vida em contextos culturalmente referenciados que se alarga por entre lugares, por entre tempos, por entre sujeitos, por entre histórias e vivências. No percurso de formação o Poetry Slam com seus modos de sentir, fazer e saber legitima, a cada leitor e leitora o reencantamento, do e com o mundo, no admirar a boniteza no cotidiano que se inscreve artesanalmente como a argila nas mãos do oleiro. Repisamos em texto e em contexto que os Slammers nos oferecem como dádiva das lições das memórias, experiências, ressignificadas com e no outro. Este livro escreverá muitas outras páginas, pelas mãos das pessoas que abrirão seu coração pelas veredas que nos instigam o aprender. A generosidade da palavra, a hospitalidade dos afetos, a amorosidade de cada palavra e som traduzidos pela pertença, pela identidade, pelo *ethos* de cada escrito.

Poetry Slam em Mossoró/RN

Poesias e Traços Biográficos de Jovens Slammers

O livro em tela é um registro do Grupo Cultural e Educativo Slam Mossoró no Projeto Literário “*POESIA PERFORMÁTICA E PRODUÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL EM MOSSORÓ: o Poetry Slam como Palco de Artistas de Rua e Agentes Culturais*”, premiado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Mossoró, através do Edital 002/2020/Prêmio de Incentivo à Cultura 2020 que Homenageia o Professor Maurício Oliveira na Categoria Prêmio de Literatura Dorian Jorge Freire. Um projeto de criação literária em livro digital, com foco na promoção da visibilidade, preservação e expansão do segmento artístico-cultural Poetry Slam no Rio Grande do Norte, em especial no município de Mossoró, contribuindo assim, não apenas para um registro do acervo de artistas independentes, mas como um registro da memória histórica e social, um recorte que compõe o patrimônio artístico e cultural do sertão mossoroense.

Lucas Súllivam Marques Leite



igbín

